


Entre a folia e a bola de luz: reflexões sobre uma visão compartilhada com os sem-terra de Itapetininga-SP


Danilo Paiva Ramos

Universidade de São Paulo



RESUMO: Enfoco neste trabalho o momento em que vi, com um grupo de foliões sem-terra, uma bola de luz no céu. Na tentativa de melhor compreender esse evento, procuro refletir sobre as relações entre a Folia de Reis, as histórias de assombração e os lugares que fui ocupando na vida social do assentamento à medida que realizava minha pesquisa de campo. Tomando como referência os trabalhos de Bauman (1977), procuro reconstituir sucintamente os pontos marcantes da etnografia da performance que realizei no Assentamento Carlos Lamarca, através da qual dois gêneros discursivos surgiram como fundamentais para entender a experiência dos assentados (Turner, 1986): as falas sobre a “nossa luta” e as “histórias de assombração”. Pensando com Favret-Saada (2005) e Ingold (2000), busco então refletir sobre a visão compartilhada da bola de luz como um evento que alterou de modo significativo o lugar que eu vinha ocupando na sociabilidade do assentamento e que me fez compreender de modo diferente as narrativas que vinha ouvindo e tentando interpretar.

PALAVRAS-CHAVE: Sem-terra, experiência, performance, narrativas, MST, campesinato.





DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

Introdução

Numa noite de dezembro, terminado o ensaio da Folia de Reis, íamos caminhando de volta para a casa dos assentados quando nos deparamos com uma estranha bola de luz a se mover no céu para cima e para baixo. Os 12 foliões e eu, antropólogo e professor de música, ficamos a contemplar a luz misteriosa, semelhante àquelas surgidas em histórias que muitos sem-terra vinham me contando durante meu trabalho de campo. Creio que somente agora, frequentando as festas de Santos Reis em janeiro, fazendo visitas aos assentados em dias especiais, se torne possível refletir sobre essa visão.

Relações entre a Folia de Reis abençoada, as “histórias de assombração” e as falas sobre a “nossa luta” são enfocadas neste trabalho com o objetivo de melhor entender como esse momento em que vi, com os foliões, a bola de luz – misto de mãe do ouro e boitatá – alterou de modo significativo o lugar que eu vinha ocupando na sociabilidade do assentamento. Partindo dos trabalhos de Bauman (1977), procuro reconstituir sucintamente as linhas marcantes de dois gêneros discursivos: as falas sobre a “nossa luta” e sobre as “histórias de assombração”, que se configuraram como fundamentais para compreender a experiência dos assentados. Incorporando as perspectivas de Favret-Saada (2005) e de Ingold (2000) sobre a pesquisa etnográfica, busco descrever como esse evento da visão compartilhada da bola de luz pode ser percebido como o desdobramento de um processo de educação da atenção que, colocando em risco o “empreendimento científico”, alterou minha percepção da fazenda-assentamento, o lugar que eu ocupava na sociabilidade e meu modo de interpretar esses gêneros discursivos. Esse processo permitiu, a meu ver, entender o modo como os assentados interpretam e narram sua experiência (Turner, 1986) de um modo diferente.



Nossa luta

Muitos trabalhos sobre o MST começam dizendo que o período de 1979 a 1985 compreende o momento de formação do MST no Brasil. Esse é o período em que se torna mais intensa a luta pela democracia, e em que as lutas trabalhistas conquistam importantes espaços no campo e na cidade (Fernandes, 1996, p. 66). O novo processo de conquista da terra pelos trabalhadores rurais inicia-se com lutas camponesas localizadas. Estas se articulam em diversos estados brasileiros na gênese de um movimento social nacional. As famílias do movimento fazem das ocupações de terra suas principais ações de luta. Com o aumento das ocupações, os conflitos fundiários se intensificam, e a questão da reforma agrária é recolocada no cenário político nacional (p. 17). A partir desse novo contexto em que se inserem os movimentos sociais de luta pela terra e pela reforma agrária, grande quantidade de trabalhadores, marcados pela expropriação da terra, pelo desemprego e pelas dificuldades da vida nos grandes centros urbanos, engaja-se no MST, o que implica sérias mudanças em suas vidas.

Já desenvolvendo atividades junto ao MST e lendo trabalhos acadêmicos sobre a luta por terra e a reforma agrária, optei por realizar uma pesquisa etnográfica no Assentamento Carlos Lamarca do MST devido ao fato de ele ter concentrado grandes interesses do movimento. Situado na região Sudoeste do estado de São Paulo, o assentamento está próximo de grandes centros urbanos, de importantes polos da produção agrícola e de fortes assentamentos do MST. As famílias assentadas são originárias das mais diversas regiões do país. Há famílias baianas, mineiras, paranaenses, pernambucanas, mato-grossenses e paulistas. Marcadas pela necessidade da migração para outras regiões em função da perda de suas terras e das más condições de vida e trabalho, esses migrantes fo-



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

ram se estabelecendo nas periferias de grandes centros urbanos (Campinas, Sorocaba, São Paulo) ou em cidades com grande produção agrícola (Araraquara, Americana, Sumaré, Hortolândia). Eu pretendia realizar uma “pesquisa participante” nos moldes em que Brandão (1990) define essa prática. Por isso, desde o início da pesquisa, desenvolvi atividades, como as aulas de alfabetização de adultos e as aulas de música, que iam ao encontro dos interesses dos assentados e do próprio movimento social do qual faziam parte, o MST.

No início das atividades de campo, realizei entrevistas com os assentados para entender suas trajetórias de vida e de militância. Aos poucos fui percebendo que as falas das entrevistas assemelhavam-se às aquelas dadas pelos assentados a pessoas que vinham de fora para conhecer o assentamento e sua experiência de luta. Tais pessoas eram jornalistas, estudantes, militantes de outros movimentos sociais, religiosos, simpaticizantes e pesquisadores, como eu.

Trabalhando como assalariados, mão de obra pouco qualificada e barata para as grandes empresas, os assentados foram quase sempre vítimas do desemprego e de grande exploração. Vivendo nas periferias, as famílias estavam constantemente expostas à violência e à socialização dos filhos na criminalidade (periferias urbanas, em particular). Nesse contexto, tomaram conhecimento do MST através dos trabalhos de base, e resolveram aderir ao movimento. Sem ter nenhuma garantia da conquista da terra, esses assentados viveram dois anos à beira de estradas, em difíceis condições de moradia, sempre ameaçados pela polícia e pelos jagunços dos fazendeiros. Mudaram-se para acampamentos na região de Itapetininga no ano de 1996 e iniciaram uma longa jornada de ocupações, expulsões, ameaças, brigas e disputas que terminaria em 1998, com o assentamento nessa propriedade em Itapetininga.

No entanto, os conflitos acerca da divisão dos lotes, do modo de produção (cooperada ou individual), da forma de moradia (agrovila ou indi-



vidual) acabaram dividindo, “rachando” o grupo. Os impactos desses conflitos repercutem até hoje e podem ser percebidos tanto nas relações das famílias de assentados entre si como nas relações destes com o MST. O grupo que defendia a produção cooperada e a agrovila propostas pelo movimento continua a militar e a participar de encontros e atos do MST. Por outro lado, o grupo que defendia medidas distintas do movimento se mantém mais afastado e raramente participa de tais atividades.

Esses temas sempre vinham à tona nas entrevistas que eu realizava nas casas dos assentados, e penso que correspondam a um gênero do discurso que era designado como “nossa luta”. Por meio dessas narrativas, os assentados ligavam suas trajetórias de vida a uma espécie de história política do assentamento e do movimento social no qual se inseriam. Creio que desse modo uma identidade (Novaes, 1993) de “sem-terra” ia se expressando nessas narrativas da “nossa luta”.

No relato de suas trajetórias como “militantes” sempre eram enfatizados três momentos marcantes. O primeiro era denominado “virar sem-terra” e correspondia ao relato das situações de violência, exploração e perigo em que eles e suas famílias se encontravam. Narravam as reuniões com militantes do movimento ou com padres e freiras da igreja que faziam com que tomassem consciência de suas situações sociais e optassem por aderir ao movimento e lutar pela terra. O segundo dizia respeito aos conflitos pela “divisão dos lotes”, nos quais houve a disputa entre famílias que aderiram às propostas do MST de cooperativismo e agrovila e aquelas que queriam lotes “individuais”, familiares, para constituir seus sítios e suas produções autônomas. O terceiro vem a ser a “luta no lote”, em que as narrativas descrevem as dificuldades dos assentados em plantar, colher e vender a produção a partir de uma terra pouco fértil. Numa dessas narrativas sobre a “nossa luta”, Hermes contou-me a respeito do tempo de acampamentos e de ocupações feitas para conquistar a terra da fazenda onde se consolidou o Assentamento Carlos Lamarca:



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

[...] E aí, no dia a dia, você vai se engajando, devido à vida em acampamento, que eu acho muito boa. É uma época assim, em que eu sinto muita saudade da época de acampamento, porque a união é muito grande. Ali você enfrenta tudo junto. E aí, com o tempo, isso vai mudando. Não dá pra culpar ninguém por isso. A gente mesmo é ser humano, é criado no sistema capitalista e já tem uma certa ideologia na cabeça de cada um. E aí, pra mudar isso, pra quebrar, eu acho que é difícil. Eu, no meu caso mesmo, não me arrependo de nada da luta. Aliás, faz falta pra gente. A gente agora fica parado demais, e pensa: “Puxa vida, a gente antes não era assim”. Tanta luta que a gente participou. Passamos sufoco. Teve lugar de nós ficarmos três dias cercados de polícia e passando fome e com garra. Já teve manifestação que nós fizemos em que foram presos 14 companheiros. Era gás de pimenta e choque em cima. Ficamos mais de 15 dias em São Paulo só por causa da libertação dos meninos... (Hermes, 02/03/2005).

No acampamento, a coerção e a violência da polícia eram enfrentadas pelos sem-terra unidos. Os “sufocos” de estar cercado pela polícia e passar fome, de enfrentar a tropa de choque, de ficar 15 dias em São Paulo para conseguir a libertação de lideranças eram combatidos com “garra”. Hermes deixou seu emprego numa fábrica da Coca-Cola após ter sido machucado por um colega de trabalho. A concorrência entre os próprios funcionários da fábrica, sua desunião, foi o principal motivo de sua adesão ao movimento. A união percebida na vida em acampamento, nas ocupações, nas manifestações e no combate à polícia nutria Hermes com um sentimento de saudade e orgulho. Na narrativa, como aponta, os assentados vivem mais isolados, cada um em seu lote, devido às consequências de terem sido “criados no sistema e na ideologia capitalistas”. Opor-se à polícia, ao governo e aos fazendeiros fortalece a identidade dos sem-terra, que descobrem sua força na união contra a estrutura social que aniquilava seus corpos e suas pessoas morais. Enquanto



narrava, Hermes sorria, agitava-se na cadeira e mantinha um tom empolgado. Gesticulava com os braços para mostrar como reagiram à tropa de choque. Passava a mão nos olhos para demonstrar como fizeram para limpar os olhos da ardência do gás de pimenta.

Antes de começarem a contar, depois do cafezinho geralmente oferecido, os assentados perguntavam: “Você quer ouvir sobre a ‘nossa luta?’”. Esta pergunta estabelecia uma espécie de “enquadramento performático” (Bauman, 1977) e marcava, de certo modo, os temas que seriam abordados pela fala que se seguiria. Com calma, acomodando-se na cadeira ou no sofá, Hermes e muitos outros assentados abriam um sorriso e começavam a falar em tom explicativo e orgulhoso. Com gestos fortes, expressavam momentos perigosos e passagens decisivas de suas trajetórias de vida e de luta. Ao longo da *etnografia da performance* que realizava, fui descrevendo esse modo de narrar como um gênero discursivo que assinalava principalmente as relações dos assentados com pessoas de fora do assentamento.

Em meio a minha “pesquisa participante” e com meu gravador e o caderno de campo, ia registrando as histórias que se somavam às minhas próprias convicções políticas. De certo modo, para pensar com Favret-Saada (2005), o lugar que eu ocupava na sociabilidade do assentamento dizia respeito ao ato de descrever esses discursos que permitiriam entender como a representação de si se liga às representações dos outros, assentados e militantes, no contexto da luta por terra e da reforma agrária do MST.

Assombrações

Para quem sai da cidade de Sarapuí (SP) e caminha em direção ao Assentamento Carlos Lamarca, o caminho é longo. Doze quilômetros,





DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

duas horas andando por uma estrada de chão de terra que liga as cidades de Sarapuí e Itapetininga. A pequena cidade vai se afastando à medida que o caminhante sobe o morro, rumo ao bairro da Várzea de Cima. À sua volta, o gado dos sítios e das fazendas observa seus passos. Até a metade do caminho não há quase árvores para aliviar o sol ou a chuva. Depois de subir um novo morro, onde se situam casas de moradores pobres da cidade, quem caminha se depara com uma imensa plantação de eucaliptos. A empresa Suzano de papéis arrenda as terras de fazendas, além de possuir imensas propriedades na região. O “deserto verde”, expressão com a qual muitos assentados denominam a plantação, estende-se por nove dos 12 quilômetros. As árvores não fazem sombra sobre a estrada. Suas fileiras parecem ir até onde a vista não alcança mais. A parede vegetal termina quando novamente surgem fazendas, sítios e lagoas. O rio Itapetininga aproxima-se. Ao longo da estrada aparecem casas, uma escola infantil e dois bares, onde assentados, sitiantes e trabalhadores das fazendas bebem cerveja e se divertem nos finais de semana.

Todos aqueles que estiverem pela estrada começarão a observar o estranho que chega. Este, já cansado da caminhada, depara-se finalmente com o rio que corre embaixo da ponte. Suas águas grossas e escuras escorrem sob a sombra da mata ciliar. Antes de cruzar a ponte, o andarilho avista uma faixa onde está desenhado o emblema do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Ao lado, um nome – “Assentamento Carlos Lamarca – MST” – e uma data, 13/08/1998. Atravessando a ponte e cruzando a mata, o estranho avistará as casas espalhadas por dois morros.

Caminhando, cheguei ao Assentamento inúmeras vezes, tanto para trabalhar com a alfabetização de adultos e as aulas de música quanto para realizar meu trabalho de campo.¹ Acolhido pelos moradores da “vilinha”,² fui aos poucos deixando de ser um completo estranho. Em minhas estadas em campo, as casas de dona Celestina e Solano e de Es-



meralda e Deodato fizeram-se lares aconchegantes onde, depois de um dia inteiro de caminhada fazendo entrevistas e dando aulas, eu podia comer a comida do fogão a lenha, conversar e repousar tranquilamente.³ Através da pesquisa e das aulas de alfabetização de adultos e da aula de música, fui constituindo meu lugar na sociabilidade do assentamento em termos de um “pesquisador participante” (Brandão, 1990).

Quando realizava a etapa inicial da pesquisa de campo, um casal de assentados convidou-me para ficar em sua casa. Resolvi perguntar-lhes se eu poderia dormir na sede da antiga fazenda, uma vez que grupos de pessoas que vinham de fora dormiam lá. Disseram que de forma alguma eu dormiria lá sozinho, porque havia um fantasma na sede, o fantasma do antigo dono da fazenda. A partir deste fato, comecei a perguntar a outras pessoas se já tinham ouvido falar nessas “coisas de fantasma”. Muitos não entendiam a pergunta, paravam um instante e corrigiam-me: “Você tá querendo saber das histórias de assombração, né?”. Decidi tentar interpretar essas histórias de fantasmas de fazendeiros, escravos, bolas de luz e ouro encantado procurando as conexões entre essas narrativas e outros contextos relevantes da vida desses assentados. São marcantes as ligações entre essas “histórias de assombração” e a atuação política, as relações de trabalho, os processos de migração e as questões familiares etc.

Sem saber como somar o interesse por essas narrativas às entrevistas sobre a história política dos assentados, a “nossa luta”, decidi incluir o tema no roteiro de perguntas das entrevistas. A história política da “nossa luta” era sempre contada com certo orgulho, em tom explicativo, numa conversa que poderia levar horas. Já quando eu tocava no assunto das histórias de assombração, apesar de haver pessoas que contavam histórias para o gravador, a maior parte ficava embaraçada e surpresa. De certo modo, aquelas que contavam histórias nesse momento da entrevista eram as pessoas com quem eu, pesquisador, tinha laços de amizade



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

mais forte. Numa dessas entrevistas, Sertanio contou-me sobre a bola de luz que via e o ouro enterrado que ela sinalizava.

Ouro e diamante

Diz que tem essas duas cores da luz. A que eu vejo é um brilho mais amarelado, que é a do ouro. Mas diz que tem esse verde-azulado, que é do diamante. Aqui no assentamento foi o ouro e foi o diamante. O que eu vejo é o ouro. Diz que onde tem esse ouro tem assombração, tem umas giras do demônio que ficam tomando conta. Sabe que o demônio quer é roubar almas. Então, enquanto ele está encantado, ele é do demônio, é o demônio que tá tomando conta. Mas depois que desencanta, aí os anjos maléficos vão embora (Sertanio, 15/12/2005).

Sertanio começou a contar essa história enquanto andávamos pela estrada principal do assentamento. Ele havia saído do trabalho, fora do assentamento, e voltava para casa. Ia trocar-se para pagar as contas na cidade. Enquanto andávamos, mostrava os locais onde teria visto o ouro e as bolas de luz. Gesticulava muito para mostrar como era e quanto media a bola de luz. Paramos em frente à plantação de cana de Tião. Sertanio olhava atentamente para a plantação, pois lá havia visto o diamante. Sorria de modo tenso e mantinha o olhar parado em certo estado de encantamento. Depois revelou que, no morro onde está a mata, teria visto o ouro encantado subir e descer numa bola de fogo perto de uma mina de água. Na narrativa, ele reflete também sobre as cores das bolas de luz e ressalta que o amarelo indicaria o ouro e que o verde-azulado determina o diamante, havendo as duas formas de tesouro no assentamento. Assombrações e giras do demônio guardam o ouro e o diamante, enquanto esse tesouro está encantado. Nesse momento, o



demônio pode vir roubar almas, mas, depois que o tesouro é desencantado, os anjos maléficos vão embora.

Comparando as performances narrativas de diversos assentados que contavam sobre as bolas de luz, entendi que o “sorriso encantado” que se delineava em seus lábios e semblantes ao falarem sobre as visões de bolas de luz como bênçãos e/ou ouro encantado revela certa diferença em relação ao riso tenso dos narradores ao descreverem certos eventos, como a presença dos escravos, as aparições do fantasma fazendeiro e de bolas de luz malignas. O “riso tenso” gera um “enquadramento performático” por meio do assombro dos sem-terra, que percebem em si mesmos ou em outros os atributos que compõem a pessoa do fazendeiro-fantasma: mando, violência e medo. Nesse evento narrativo, Sertanio ora expressa um sorriso e um olhar encantados, ora enrijece seu corpo e seu olhar, que delineiam, então, um “riso tenso”.

Ao longo da pesquisa realizada pude perceber que o narrador, com seu “riso tenso” ao contar histórias sobre as bolas de luz, procurava distanciar-se do maligno e do mando no assentamento. De modo diferente, o “enquadramento performático” durante as histórias de visões de bolas de luz como bênçãos e/ou ouro encantado faz aparecer um “sorriso encantado” que toma as faces dos narradores. Em tais eventos, os narradores assumem uma postura contemplativa, corpo relaxado e olhos que se perdem na lembrança, ou levantam-se da cadeira e reproduzem, gestualmente, o cenário, o movimento da bola de luz e as atitudes do protagonista. Reconstituem, assim, esse espaço liminar (Turner, 1984) onde, com o risco de perder a alma para as giras do demônio, os narradores confrontam a vida e a morte, a riqueza e a pobreza, o bem e o mal.

Suponho que as visões de bolas de luz ocorram igualmente nos limites da vida e da morte. Nesses espaços situam-se fronteiras que demarcam a passagem da vida à morte dos escravos, da terra fértil à terra



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

infértil. Próximos de tais lugares, os assentados constituem a morada de suas vidas, as terras de trabalho e negócio (Martins, 1991). É para lá que os narradores são transportados (Schechner, 1985) enquanto contam sobre bolas de luz e sobre o ouro encantado. Em tais cenários, encontram-se consigo mesmos, ou descrevem casos ocorridos com outros assentados no momento da visão. A encenação ou a ausência dos narradores revela esse efeito de distanciamento, diferente daquele em que o corpo tenso e o riso justapõem imagens dos sem-terra àquelas do fantasma do fazendeiro e dos escravos.

Visão

Entre dois morros estende-se o Assentamento Carlos Lamarca. A região serviu de refúgio para o guerrilheiro assassinado na época da ditadura. Carlos Lamarca foi homenageado pelos acampados e assentados que construíram suas casas e plantações nessa região. Dois pequenos rios cortam o assentamento e deságuam no grande rio Itapetininga. As cercas dividem os lotes, também chamados de sítios por alguns assentados. Neles, as plantações de cana, milho, melancia, mandioca, pimentão disputam espaço com o pasto do gado. Há poucas árvores nos lotes e às margens das ruas que cortam o assentamento. O sol forte e o vento castigam qualquer um que caminha por lá. Os bonés e os chapéus são indispensáveis. É comum ainda ver assentados usando bonés vermelhos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) para irem trabalhar em suas roças e pastos. Algumas casas conservam também bandeiras do movimento na parede da sala de visitas.

A área comum do assentamento foi estabelecida nos quatro hectares que compõem a sede da antiga fazenda e o posto de saúde. Os lotes possuem em média 12 hectares. A medida dos lotes foi estipulada pelo



Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), após terem feito testes na terra, verificando sua baixa fertilidade. A topografia, realizada pelos órgãos do governo, homologou lotes para apenas 47 das 63 famílias acampadas. A criação de gado foi indicada pelo Itesp como uma possível solução produtiva para os assentados. Cerca de 40,5% da área do assentamento foram destinados à preservação ambiental, deles fazendo parte as matas ciliares dos rios.

As terras sobre as quais se constituiu o Assentamento Carlos Lamarca compunham a antiga Fazenda Monjolo. A propriedade ocupada pertencia aos descendentes de uma família que teve papel político e econômico importante no interior e na capital paulistas. Os Almeida Prado possuíam as terras dessa fazenda e dos arredores desde o “tempo dos escravos”, como dizem os assentados. Ainda hoje os moradores percebem as marcas deixadas pela produção de café, amendoim e algodão nas grandes valas que separavam as culturas e que cruzam o assentamento. Muitos assentados dizem sentir medo do caminho que conduz à saída e à entrada do assentamento. Algumas pessoas contam que, às margens do rio Itapetininga, na mata, situa-se um grande cemitério de escravos. Este rio estabelece os limites do assentamento, pois separa a cidade de Itapetininga, onde ele se localiza, e a cidade de Sarapuí.

Os assentados entram e saem dali caminhando pela estrada que atravessa a mata, passando por uma ponte que cruza o rio. Muitos que caminham pela mata para sair do assentamento sentem um arrepio e uma sensação ruim. Poucos são os que cruzam a ponte e a mata à noite, pois têm medo. Creem ser necessário passar por esse cemitério na mata para saírem e entrarem na fazenda. A fronteira do assentamento constitui-se como um espaço da morte (Taussig, 1987). A mata e o rio compõem o cenário desse cemitério completamente escuro durante a noite. É nesse espaço também que são vistas, em muitas noites, as bolas de luz, sinais



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

tanto da mãe do ouro enterrado quanto do boitatá. Embora tendo ouvido e mesmo gravado algumas dessas histórias, foi apenas numa noite às vésperas do Natal, depois de alguns anos de trabalho com os assentados, que vi a bola de luz.

Voltávamos da sede da antiga fazenda. Lá ocorriam os últimos ensaios da Folia de Reis às vésperas do Natal. Naquelas semanas, após o trabalho na roça, todos se dirigiam, com certo receio, para o casarão, levando os instrumentos e as letras. Contavam-se muitas histórias, nas quais a velha sede se tornava o cenário amedrontador onde ocorria a aparição do fantasma do fazendeiro. Entre a descrença e o medo, era melhor não estar sozinho na sede e nem abusar muito do horário. Mas o motivo da cantoria era abençoado e certamente afastaria a assombração.

Novamente a folia percorreria o assentamento. Terminamos o ensaio, trancamos tudo e saímos juntos. Violões e violas nas costas. Caminhávamos devagar sob aquela noite escura, cantarolando ainda algumas melodias. As crianças corriam à nossa volta. Elas já sabiam de cor todos os temas da folia. Hermes e Dagobé estavam um pouco à frente. Seus passos eram mais largos e apressados. Depois de um longo dia de trabalho na roça, o jantar os esperava. Em sua conversa, mestre e contramestre relembravam causos do ano anterior, quando a Folia de Reis Terra Prometida iniciara seu percurso. Falavam do filho de Moisés, que doou à folia sua única corda, o exato ré, que havia estourado enquanto tocavam na sua casa. Noutro dia, o pau de suporte da bandeira quebrou-se. O alferes, algum tempo depois, encontrou no mato um pedaço de pau do jeitinho que a bandeira precisava. Bênçãos e mistérios!

Mas seus passos ritmados calaram-se de repente. Viraram seus rostos e olharam qualquer coisa no morro. Seus olhos arregalaram-se e os corpos enrijeceram. Apontaram algo ao longe para que todos nós víssemos. Começamos a olhar naquela direção. Não víamos nada. As cabeças mexiam-se para todos os lados. Dagobé falou para irmos mais para cima



para que pudéssemos ver melhor. Hermes disse para mim: “Olha lá, olha lá naquele morro aquela luz que tá subindo e descendo! Ô Danilo, olha lá, essa aí é que é dessas luzes que a gente vê por aqui. Ali, olha lá, sumiu, sobe pro alto que você vê!”.

Foi então que vi, junto com todos, uma estranha bola de luz movimentar-se no alto do morro. Euforia e medo tomaram conta do grupo. Bel, filha de Hermes, assustava as crianças menores dizendo: “A mãe do ouro vai pegar vocês! Olha lá, Nino, é a mãe do ouro que vem te pegar”. Ficamos a contemplar aquela luz misteriosa por alguns instantes. Todos ali, parados, com o olhar absorvido pela estranha bola meio amarelada que se movimentava ao longe. Um olhar admirado e um sorriso de contemplação delineavam-se no rosto dos foliões, opondo-se ao riso tenso das crianças e de alguns jovens.

Aos poucos a luz foi sumindo e lentamente nossos pés retomaram os passos para casa. Depois, ao longo do caminho, muitos foram os que contaram histórias de luz que voava na noite e de assombrações, semelhantes às narrativas que eu vinha registrando com meu gravador ou no caderno de campo após a realização das entrevistas de pesquisa.

Bola de luz

De fato, a luz que víamos era uma luz clara, meio amarelada que subia e descia. Apareceu perto de um morro e próximo à mata. Assemelhava-se muito ao movimento que faziam as bolas de fogo em outras narrativas que eu vinha ouvindo. No entanto, era apenas uma bola de luz que foi sumindo à medida que andávamos. Na provocação que Bel fazia às outras crianças, surge um novo elemento, a mãe do ouro. Segundo L. da Câmara Cascudo (1983), esta é uma figura mítica que se refere a histórias sobre o ouro encantado. A mãe do ouro seria a guardiã do ouro



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

enterrado, habitando os morros, sinalizando haver um tesouro em alguma parte da localidade. Clarões, chamas, estrelas que cortam o céu e caem em morros e cerros seriam os sinais da sua presença e direção e poderiam vir junto com os trovões de sua cólera (Cascudo, 1983, pp. 369-370). Como me contou mais tarde Aldo, a mãe do ouro pode representar perigo de morte para quem a vê e não sabe desfazer o encantamento, mas também pode levar ao enriquecimento fácil aquele que é escolhido para retirar o ouro. Nas conversas com muitos narradores, a imagem da mãe, guardiã de um “filho ouro”, surge tanto para explicar as estranhas bolas de luz vistas quanto para atestar a presença de um tesouro enterrado na fazenda.

Em minha dissertação procurei interpretar o *efeito de estranhamento* gerado pelas bolas de luz/mãe do ouro quando em contraposição à imagem do fantasma do fazendeiro. A justaposição dessas imagens gera, a meu ver, distanciamentos quanto a atributos de “poder paterno/masculino” comuns a alguns assentados, militantes, funcionários públicos e fazendeiros, homens e mulheres. Se o fantasma guarda sua fazenda para seus filhos, no caso das bolas de luz quem guarda a riqueza é uma mãe. Seu filho não herda, pois ele é a própria riqueza que será transmitida a um estranho escolhido. Assim, uma pessoa viva selecionada receberá seu filho e poderá tornar-se rico com isso.

Surpreendia-me o fato de a visão da mãe do ouro surgir para famílias profundamente ligadas por laços de parentesco, poder paterno e engajamento. Segundo Klaas Woortman (1990), uma dada ordem moral camponesa define-se através da aliança entre os homens, que se dá pela troca de mulheres e pela troca de tempos (trabalho) entre pais. Assim, essa ordem seria marcada pelo poder paterno, uma espécie de “patriarcalismo”. Vistas por membros de famílias fundadas no poder do pai, as bolas de luz ganham ares de inversão de uma ordem na qual a produção e a renda se viabilizam pela aceitação desse poder paterno. Se,



para muitos assentados, a autonomia está em não receber ordens de figuras paternas e maternas, em não precisar valer-se dos laços de parentesco para produzir, a imagem da mãe do ouro representaria a possibilidade de enriquecer sem a necessidade do vínculo parental. Se as imagens da mãe do ouro e do pai fazendeiro expressam relações de parentesco que constituem um “patriarcalismo” e um “matriarcalismo” estranhos, também as famílias extensas formadas em torno de pais e mães fortes articulam-se através de princípios que revestem o pai e a mãe de atributos de autoridade.

Naquela noite, na confluência de músicas, histórias e experiências, o assombro fez-se enquanto refluxo, interrupção do fluxo da vida. A mãe do ouro habitou nossos olhos com sua fúria e encantamento (Casudo, 1983, p. 89). A capacidade de imobilizar o tempo dessa visão assemelha-se, para mim, a um potente efeito de estranhamento brechtiano, capaz de nos fazer desconfiar de tudo e de todos, o tempo todo, como se fôssemos nós, naquele instante, despertadores surrealistas em pleno sonho. Também eu me distanciava de atributos de poder paterno nessa busca compartilhada por autonomia. Mas por que, depois de ouvir tantas histórias de assombração, apenas naquele momento eu pude ver, com os foliões, essa bola de luz no céu? E por que, depois de eu ter visto essa bola de luz, os assentados começaram a pedir que eu contasse histórias de assombração para eles?

Folia de Reis

Assumindo o lugar de “pesquisador participante” (Brandão, 1990), minha atuação no assentamento dividia-se, então, entre a pesquisa etnográfica, as aulas de alfabetização de adultos e as aulas de música. Através do trabalho com música, originou-se a Folia de Reis Terra Pro-



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

metida. Foi em meio a esta última forma de atuação que tomei contato com as “histórias sobre as bolas de luz” e acabei vendo com os foliões uma bola de luz no céu noturno. Aquele seria o segundo ano em que a folia caminharia pelo assentamento. Em 2004, em meio ao aprendizado do ritmo do Cururu e de músicas de Folia de Reis, os participantes começaram a se lembrar de como eram boas as folias das quais haviam participado em Minas Gerais, Paraná, interior de São Paulo etc. Surgiram ex-alferes da bandeira, ex-músicos e musicistas de Reis, ex-acompanhantes, ex-devotos. Através de um processo conjunto de pesquisas, fomos lendo sobre folias, ouvindo discos, assistindo a vídeos e escutando histórias contadas por assentados.

Eu estava estudando viola caipira na Universidade Livre de Música (ULM), muito envolvido com os conhecimentos sobre a chamada “música de raiz”. Meu gosto compartilhado com os assentados por este tipo de música nascera quando, durante a infância, assistia com meu pai ao programa televisivo “Viola minha viola” e depois ia com ele para a roça de nossa pequena chácara “aprender a plantar”. As aulas de música, nas quais eu trabalhava tanto a iniciação no violão popular através de ritmos de música caipira quanto a apreciação musical, a percepção e a composição, tornavam-se, aos poucos, um espaço fértil de comunicação, trocas e lembranças.

A Folia de Reis, enquanto rito que envolve a comunidade por meio da visita dos músicos e devotos a todas as casas e também da realização de uma festa para santos Reis, suscitava, a meu ver, mudanças nos modos de comunicação e de relação no assentamento (Favret-Saada, 2005). As desavenças entre famílias, oriundas das brigas durante a divisão dos lotes, deveriam ser suspensas por ocasião da visita da folia às casas dos assentados e da festa de santos Reis. As novenas natalinas, as rezas e as conversas sobre temas bíblicos, das quais muitos foliões participavam, tinham seus valores e princípios estendidos nas visitas e na festa da folia,



gerando novas situações de interação e de comunicação da bênção e da fé católicas (Favret-Saada, 2005). Em meio aos cantos que contam a história dos três Reis Magos e do nascimento do Menino Jesus, mitos e músicas atualizavam-se, abrindo espaço à expressão das histórias sobre as bolas de luz e das histórias políticas dos assentados, presentes nas camisas do MST que vestiam durante as andanças, e no próprio nome bíblico e engajado da folia.

A bola de luz surgiu no céu escuro da noite às vésperas do Natal. Segundo Brandão, o Céu, no catolicismo popular, constitui-se como o lugar onde os justos e os salvos vivem felizes ao lado de Deus, dos anjos e dos santos. Nesse espaço há a reincorporação perene de laços familiares e vigora a vida eterna (Brandão, 1994, p. 202). Na viagem dos três Reis Magos, a estrela guia os orientava e protegia dos soldados de Herodes que os seguiam. Nas Falias de Reis, geralmente os palhaços representam os soldados, também identificados como figuras malignas. Indo à frente do grupo pelas estradas, a bandeira abre os caminhos aos foliões. Quando entregue ao dono da casa, tem o poder de abençoar, purificar e proteger os cômodos, a família, as criações e as plantações.

Nas andanças da Folia de Reis Terra Prometida, muitos assentados apenas seguravam a bandeira, mantendo sempre um sorriso na boca e uma postura ereta, mas em algumas casas a bandeira era beijada e adornada com flores e fitas pelos donos. Isso, segundo os foliões, aumentaria tanto a beleza quanto o poder de bênção da bandeira e da folia. Frangos, porcos, sacos de arroz, feijão e macarrão eram doados pelos donos da casa. Por vezes, a doação era feita em dinheiro. Em outras, não havia doações, mas mesmo assim o dono da casa era louvado e convidado para a festa do dia 6 de janeiro. Em troca, a folia cantava, enaltecendo a família e a produção e pedindo a bênção divina. No mesmo sentido, como me contou Celestina, as novenas eram realizadas para que, na véspera do Natal, a reza coletiva, mais forte que a reza solitária, purificasse,



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

abençoasse e protegesse as famílias que realizavam o ritual, suas plantações e criações.

Na escuridão daquela noite, que era “um breu só”, a bola de luz surgiu no céu e foi contemplada por todos os foliões. Como ressalta Brandão, as sombras e a escuridão relacionam-se às trevas no catolicismo popular. São tidas como malignas, gerando o medo e o terror por serem indícios da danação, do sofrimento, da presença do demônio e de seres malignos (1994, p. 202). Entendida como bênção, talvez a bola de luz designe um sinal de luz nas trevas, uma “estrela guia” que orienta, purifica e protege. Assim, se o céu é o lugar de Deus, anjos, santos e sujeitos salvos que estão separados da terra (sociedade dos vivos), provavelmente o céu onde surgiu a bola de luz permita o contato entre divindade e devoto através da bênção.

Narrar

Máquinas de suprimir o tempo é a imagem utilizada por Lévi-Strauss (2004) para definir uma capacidade comum às linguagens musical e mítica de operar sobre um tempo diacrônico do ouvinte e produzir uma totalidade sincrônica, fechada em si mesma, que imobiliza o tempo. A folia, a meu ver, e as “aulas de música” faziam com que convergissem músicas e narrativas oriundas de territórios diversos da experiência de cada um de nós (Turner, 2005c). Convergiam também modos distintos de atenção e percepção do ambiente constituído pela fazenda-assentamento, expressos pelos movimentos dos assentados oriundos de diferentes partes do país e que possuíam distintas trajetórias de vida e relações com espaços rurais, como fazendas, bairros rurais e sítios.

Segundo Benjamin, “a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (1993, p. 198). Através



da folia, séries sonoras e acontecimentos marcantes metamorfoseavam-se em escalas e histórias, em canções e causos, permitindo a partilha de movimentos em relação ao ambiente (fazenda-assentamento) e uma educação da atenção proporcionada principalmente pelos sentidos da visão e da audição. Recorríamos à experiência que passava de pessoa para pessoa para gerar múltiplas sensações e escovar, a contrapelo, nossos corpos e sentidos.

Creio que as “aulas de música” e a Folia de Reis tenham possibilitado aos participantes deslocamentos nas posições sociais ocupadas (Favret-Saada, 2005). Musicalmente, os participantes possuíam diferentes vivências com as folias de reis, com os cantos e as habilidades distintas com os instrumentos. Politicamente, pertenciam a grupos antagônicos que tinham se enfrentado muitas vezes nas disputas pela supremacia dos projetos “coletivos” e “familiares” de produção e habitação. Aulas e folia assumiram, na minha opinião, o caráter de espaço de comunicação que permitiu uma educação da atenção – no sentido que Tim Ingold (2000) estabelece como processos de observação – de forma ativa no que diz respeito aos movimentos dos outros, e uma imitação a partir do alinhamento dessa atenção aos seus próprios movimentos em relação ao ambiente (p. 37). Para Ingold (2000), é a educação da atenção em termos de uma alteração da percepção do ambiente que representa a possibilidade do trabalho de campo em termos antropológicos. Em suas palavras,

Rather, sociality is given from the start, *prior* to the objectification or experience in cultural categories, in the direct, perceptual involvement of fellow participants in a shared environment. This indeed, is what makes anthropological fieldwork possible, for it allows the fieldworker and local people to inhabit a common ground of experience, even though each may bring to bear a radically different conceptual frame to the task of its interpretation (Ingold, 2000, p. 167).



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

A visão da luz talvez tenha sido uma cristalização sensível e partilhada desse duplo contínuo, mítico e musical que nos afetava a todos de diversas maneiras e, quem sabe, situava-nos numa totalidade sincrônica. Creio que a reflexão que Turner (1982-1986) faz sobre a possibilidade de uma Antropologia da Experiência, baseada no pensamento de Dilthey, ajude a entender como se dá o processo de percepção e expressão de uma experiência, e nesse caso, da visão compartilhada da bola de luz. Para este autor, choques de dor ou prazer geram a interrupção no comportamento rotinizado. Do passado, evocam-se e revivem-se fatos semelhantes que se mesclam às imagens do choque presente. Com a necessidade de encontrar significado para essa dor ou esse prazer, o choque é convertido de mera experiência em uma Experiência. Nesse momento final ocorrem as performances, como formas de transmitir as experiências, dotando-as de significado (1982, p. 35). Essa estrutura descrita por Turner permite visualizar melhor como se dá o processo de elaboração e expressão de experiências.

A bola de luz e a mãe do ouro eram expressões ditas com riso tenso nas narrativas, mas a estrela guia, justaposta a essas outras imagens, era cantada com tônica e terça em canções da folia com sorrisos e semblantes de esperança e adoração. No evento da visão da bola de luz, suspendemos o canto e os passos para contemplar, como ouvintes de uma orquestra caipira, a atualização desse objeto virtual. Ao mesmo tempo, a tensão do “choque” tramava nossos corpos e nossos sentidos com fios de medo e assombro. Transcendendo o plano da linguagem articulada, a folia trabalhava sobre os nossos corpos, imaginações e realidades. A folia e a aula deslocavam as posições sociais ocupadas pelos participantes e situavam cantos e lembranças de outras folias e histórias de assombração sobre as bolas de luz e o ouro encantado.

De certo modo, com o passar dos anos, um longo processo de educação da atenção foi alterando a minha percepção do ambiente onde está-



vamos vivendo, a fazenda-assentamento, e quem sabe também a de outros. O choque da visão da bola de luz interrompeu o fluxo de nossas atividades rotineiras e, do passado, lembranças de narrativas e de encontros com assombrações se justapuseram às imagens do presente. A busca pelo entendimento do que aconteceu fez com que expressássemos essa Experiência através de performances narrativas que contavam aos que não presenciaram essa visão o terror e o encantamento do que vimos.

Meu papel de pesquisador que perguntava, gravava e anotava histórias de assombração foi completamente alterado após esse momento. Muitos pediram que eu contasse essa história de assombração e outras. A meu ver, comecei a partilhar de forma diferente não só essa visão, como também a capacidade de percepção do ambiente onde vivem os assentados. Passei a recorrer à experiência e a levar para outras pessoas lembranças através de performances narrativas.

Redemunho

Ver a bola de luz com os foliões gerou, assim, uma alteração fundamental nos lugares e estados que eu ocupava na sociabilidade do assentamento. Ouvir e contar histórias de assombração e política, ouvir e cantar músicas da folia e rezar nas novenas natalinas, tudo isso fazia com que eu fosse afetado de distintas formas. Abria-se um modo específico de comunicação “involuntária e desprovida de intencionalidade”, verbal e não verbal (Favret-Saada, 2005, p. 159), através da qual me percebia, reflexivamente, como um narrador, capaz de retirar da experiência as centelhas do que contava e contaria. Na minha direção convergiam sensações, percepções e pensamentos que estranhavam imagens de minha educação franciscana, de minha formação antropológica e de minha habilidade musical.



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

Nesse “redemunho” (Rosa, 1992), a pedido dos assentados, retornei continuamente a esse evento da visão da bola de luz – evento narrado inúmeras vezes para ouvintes-narradores que sempre o acompanhavam com muita atenção. Quando minha história terminava, uma outra de assombração era contada por quem ouvia. Isso transformava em troca e diálogo aquilo que antes eu buscava ouvir nas entrevistas com roteiro aberto. Atento aos gestos e à performance, eu também comecei a gesticular e a ter um “riso tenso” ao narrar, pois sentia arrepios ao passar por determinados locais, evitava atravessar o cemitério dos escravos em alguns horários e, mesmo para riso de muitos, corri da sede da antiga fazenda por ouvir barulhos de pessoas caminhando à noite.

Entendo, portanto, que de certa maneira fui afetado por esse “modo de comunicação involuntário” depois de ter me integrado à Folia de Reis, ouvido histórias de assombração nesse novo contexto e de ter participado do processo de educação da atenção através do qual os assentados observavam e percebiam o ambiente da fazenda-assentamento em que estavam constituindo suas vidas e moradas. Esses movimentos fizeram com que eu comesse a entender os contrapontos entre as falas sobre a “nossa luta” e as “histórias de assombração”. Através dos choques e dos estranhamentos das imagens justapostas desses gêneros narrativos, as performances dos assentados estabelecem sentidos muitas vezes inesperados às suas experiências marcadas pela luta em prol da terra e pela reforma agrária.

Nesses interstícios do não verbal, do não intencional, multiplicavam-se comunicações e experiências, e narrativas e canções iam alimentando a expressão do vivido e me permitindo uma percepção distinta do ambiente onde estava convivendo com os assentados (Ingold, 2000). Na aula de música e nas andanças da folia, eles, como eu, aceitavam ocupar novos lugares no sistema da música, da religiosidade, das narrativas e da sociabilidade do assentamento. De ouvintes de música e acompanhando



tes de folia, tornavam-se, no período natalino, compositores, instrumentistas, devotos e visitantes que abençoavam as casas e os companheiros assentados. Muitas vezes, os “donos da casa” eram pessoas com quem os foliões tinham desafetos em função das brigas durante o processo de luta pela terra. Assim, a folia alterava os lugares que ocupavam na sociabilidade do assentamento e permitia que expressassem experiências da terra onde haviam morado antes das migrações, comiam canjiquinha, nadavam no rio e caçavam na mata na qual vivia o curupira.

Entendo que meu lugar no campo foi deslocado da posição de “pesquisador participante” (Brandão, 1990) para a de pesquisador-narrador que se colocava junto aos assentados num processo de educação da atenção. Penso que esses movimentos paralelos e confluentes alteraram profundamente o meu “cálculo do lugar olhado das coisas” (Barthes, 1990), e permitiram que eu visse, depois de ouvir, rezar e cantar muitas vezes durante aqueles anos, aquela misteriosa bola de luz mover-se no céu, e narrasse esta e outras histórias aos sem-terra, aos antropólogos e a meus amigos e parentes. Estranhamentos e afetos distintos nos atingiram naquele momento, e da partilha da visão compartilhamos a possibilidade do narrar.



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

Notas

- ¹ Em *Nervos da terra* (2006), procurei interpretar como e em que medida os sem-terra do Assentamento Carlos Lamarca, Itapetininga-SP, se pensam através das “histórias de assombração”, tomadas como performances orais. Adotei dois procedimentos analíticos que se mesclaram para entender melhor as “histórias de assombração”. Por um lado, a interpretação das narrativas foi buscada na comparação entre as histórias, numa perspectiva inspirada pela análise estrutural dos mitos de Lévi-Strauss (2003). Por outro lado, essas narrativas foram inseridas no contexto das performances orais, da história desse assentamento, das práticas de trabalho e dos laços de parentesco estabelecidos nessa comunidade. Pretendi, desta forma, contribuir para uma maior compreensão de como dimensões políticas e econômicas da luta pela terra são interpretadas e vivenciadas pelos trabalhadores rurais sem-terra.
- ² Forma como os assentados denominam o conjunto de casas construídas em um mesmo lote para a moradia conjunta de duas famílias extensas.
- ³ O trabalho de campo para minha pesquisa de mestrado foi realizado de 2004 a 2006 em três longas estadas. Duas delas de dois meses e uma terceira de um mês. Além desses períodos, nos anos de 2005 e 2006 viajei para o assentamento em muitos finais de semana para dar aulas de alfabetização de adultos e música. Atualmente, continuo visitando o assentamento por ocasião da festa de santos Reis e em algumas outras datas, como casamentos, o aniversário do assentamento, a festa junina etc.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland
1990 “Direrot, Brecht, Eisenstein”, in ___, *O óbvio e o obtuso: Ensaio crítico*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, pp. 85-92.
- BAUMAN, Richard
1977 *Verbal Art as Performance*, Illinois, Waveland Press.

BENJAMIN, Walter

1993 "O Narrador", in ____, *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*, vol. I, São Paulo, Editora Brasiliense.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

1990 *Pesquisa Participante*, São Paulo, Brasiliense.

1994 *Somos as Águas Puras*, São Paulo, Ed. Papirus.

BRECHT, Bertold.

1964 [1949] "A Short Organum for the Theatre", in *Brecht on Theatre: The Development of an Aesthetic*, ed. and trans. John Willett, London, Methuen.

CASCUDO, Luís da Câmara.

1983 *Geografia dos mitos brasileiros*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia.

DAWSEY, John C.

1999 *De que riem os "Boias-Frias"?: Walter Benjamin e o Teatro Épico de Brecht em Carrocerias de Caminhões*, tese de livre docência, USP.

FAVRET-SAADA, Jeanne.

2005 "Ser afetado", *Revista Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, ano 14, pp. 155-161.

FERNANDES, Bernardo M.

1996 *MST: Formação e Territorialização*, São Paulo, Ed. Hucitec.

INGOLD, Tim

2000 *The perception of the environment*, London, Routledge.

JUSTO, Marcelo

2005 *Exculhidos*, tese, USP, pp. 248.

LÉVI-STRAUSS, Claude

2004 *O cru e o cozido*, São Paulo, Editora Cozac Naiff.

MARTINS, José de Souza.

1991 *Expropriação e Violência*, São Paulo, Editora Hucitec.



DANILO PAIVA RAMOS. ENTRE A FOLIA E A BOLA DE LUZ...

RAMOS, Danilo P.

2009 *Nervos da terra: histórias de assombração e política entre os Sem-Terra de Itapetininga*, São Paulo, Editora Annablume.

ROSA, Guimarães

1992 *Grande Sertão: veredas*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.

SCHECHNER, Richard.

1985 *Between Theater and Anthropology*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

TAUSSIG, Michael

1980 *The devil and commodity fetishism in South America*, New York, U.N.C. Press.

1987 "Cultura do Terror", *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 10.

TURNER, Victor.

1974 *O Processo Ritual*, Petrópolis, Editora Vozes.

1986 *The Anthropology of Experience*, Urbana and Chicago, University of Illinois Press.

2005 "Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência", *Revista Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, ano 14, pp. 177-185.

WOORTMANN, Klaas

1987 "Com Parente não se Neguecia", *Anuário Antropológico*, Brasília, Editora UnB/Tempo Brasileiro.



REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2012, v. 55 Nº 2.

ABSTRACT: This article focuses on the interpretation of the shared vision of a light ball witnessed by “me”, an anthropologist, and the “others”, rural workers, in the night sky during my fieldwork. Attempting to understand this event, I try to think over the relations between the music played by a musical group (*Folia de Reis*) in the settlement, their ghost and spooky stories, and my different roles and places in this sociability. On the one hand, based on Bauman’s (1977) work on the *ethnography of performance*, I try to show the basic aspects of two speech genres, “our struggle” and “ghost stories”. On the other hand, knowing that my specific epistemological position and my different roles were important to this event, I follow Favret-Saada’s (2005) and Ingold’s (2000) perspectives, trying to think about the option for “being affected” and to be open to an “education of the attention”.

KEY-WORDS: Landless, experience, performance, narratives, MST, rural workers.

Recebido em outubro de 2010. Aceito em março de 2012.